

Becos e Vielas Z/S

A voz da periferia



foto de Ricardo Oliveira feitos especiais becos e vielas

a minha vida se divide em dois

Somos eu e ela, sempre inseparáveis. Minha companheira mais fiel. Um amigo me apresentou, E, no começo, eu não gostava muito, mas depois ela me ajudava. Toda vez que eu estava mal, ela surgia do nada, meio que “não pense nisso estou aqui”. Era um convite a uma viagem. “E que viagem!”

Desta vez eu fui “sem medo de ser feliz”. Fui, e como fui. Esqueci de tudo, ria,

“eu estava feliz”. Pena que foi por pouco tempo, nada igual e nada melhor também. Eu a tinha usado porque estava mal mesmo, mas depois eu já usava porque estava feliz, porque estava deprimido, tudo era motivo. Sabe? “Ela me entendia... A partir daquele momento, eu não pensava mais”. E era isso que eu queria, não pensar mais. Então não podia estar melhor... Era tudo de que eu precisava.

Ela me acompanhava, não tinha vergonha de mim,

e disso eu também gostava. E fui ficando cada vez mais ligado, de tal forma que nos tornamos inseparáveis. Eu era capaz de fazer qualquer loucura. Por ela, fiz muitas besteiras, magoei, machuquei, roubei. Mas valia a pena, no começo. Depois, já não era a mesma coisa. Continuávamos juntos, obrigadamente juntos, mas nada era como antes. Ela já não me satisfazia tanto assim, e nem me entendia mais. Até pensei em abandoná-la, mas não consegui. Percebi então que ela me dominava. Já não separava mais, eu ela. O pior é que eu não, não queria, mas meu corpo pedia, minha mente, minha vida.

Nesse longo tempo, eu tinha ela sempre comigo, mas eu acabei perdendo também meus amigos, minha família, minha Liberdade. No começo não fazia diferença, só depois é que fez. Já não tinha ninguém, nada, nada mesmo. Eu não era eu, eu era ela.

E com o tempo eu acabei me acabando. Dizem que me separaram dela. É agora que estou aqui, internado na loucura, literalmente loucura, ninguém sabe, mas não me separaram, ela vai ser sempre inesquecível. Como poderia esquecer aquela que, que acabou com a minha vida?

por franciele rodrigues

vice-versa



jovens que não tem o que fazer durante o dia no jardim ângela

becos e vielas

o trafica

por rogério oliveira

Em uma noite fria de sexta-feira, enquanto uns dormem e outros saem pra balada, resolvi procurar alguém do mundo das drogas que pudesse mostrar o que pensa e como age. Uma pessoa que “distribui o mal e desestrutura a sociedade”. Segundo muitos, é a função do traficante de drogas. Falei com um amigo, que seria uma ponte para que eu pudesse colocar a minha idéia em movimento. Já decidido quem seria o cara, fomos para a cena: uma rua estreita, onde mal cabiam dois carros. Parecia aquelas cenas de filme de terror. Na metade da rua, na parte mais escura, estava um cara de 20 e poucos anos numa cadeira de rodas, acompanhado de mais dois, um de cada lado. Quanto mais nos aproximávamos, aumentava o ar de curiosidade dos três. Logo que nos apresentamos, comecei a expor minhas intenções. Ele dividia a atenção entre eu e o movimento da rua. Topou a entrevista, mas, quando apresentei o gravador, não aprovou a idéia.

O que você vende?
Minha mercadoria é variada.

Trampa aqui há muito tempo?
Me criei aqui. Com dez anos, entrei no crime. Hoje sou meu patrão.

Qual é a média de idade dos clientes?
Com certeza, a maioria é jovem.

Qual a diferença entre o nóia e o dependente?
O nóia é um coitado maltrapilho, sujo e sem dinheiro. O dependente químico ainda tem um pouco de valor mesmo que seja dinheiro.

Como é a sua relação com a polícia?
Das piores.

Você usa alguma droga?
A pior, cigarro.

O que você acha de falar para a pleboizada sobre sua profissão e a vida na favela?
Que eu não sirva de exemplo pra ninguém.

Você espalha o vício ou só vende seu produto?
Sou apenas um vendedor, nunca ofereci droga pros moleques na porta do colégio.

Acredita que o sistema pode acabar com o tráfico?
Nunca, porque é o sistema que traz a droga pra mim.

O que você acha da legalização da maconha?
Todas as bocadas irão à falência. Só iria sobrar a Souza Cruz. Imagine só: Bequês Souza Cruz.

Se ficasse cara-a-cara com o presidente, o que diria?
Mandaria ele tomar vergonha e criar mais empregos para a população, porque é por isso que estou no crime. Sou tetraplégico e não arrumo trampo. Desisti de procurar e agora estou aqui.

a mãe

Mariana (nome fictício), 44, é cabeleireira em seu próprio salão e tem um filho, dependente químico há 15 anos, que usa maconha, crack, cocaína e álcool. Tudo o que ganha gasta com drogas.

Quando notou que seu filho usava drogas?
Percebi quando ele começou a mudar dentro de casa. Ele passou a roubar dinheiro, relógio e até minha aliança de casamento.

Ele já foi internado?
Duas vezes. Primeiro, foi tratado por psicólogo. Depois, recebeu tratamento religioso. Nas duas, fugiu.

Ele já teve alguma overdose?
Sim, duas ou três. Mas ele tenta evitar a overdose bebendo cerveja.

Você é discriminada por causa do seu filho?
Sim, inclusive no meu emprego. As pessoas me culpam por defender meu filho. Já fiquei chateada com os comentários e o expulsei de casa. Tenho certeza que com isso só o empurrei mais para o fundo. Ele começou a servir de “cavalo”. Carregava droga de um lado para outro. Hoje, me arrependo muito disso.

Ele quer parar com as drogas?
Sim. Diz que tem de criar vergonha na cara e fica deprimido. Já fiz tudo, agora só depende dele.

Como é a vida dele hoje?
Ele aparenta ser mais velho. Está muito machucado, com perda de memória. Quando mistura drogas, fica o dia e a noite andando de moto. Depois, encosta a moto, deita na calçada e dorme. Quando é levado para o hospital, aplicam nele uma injeção chamada “amansa leão”. Ele fica meio paranóico uns três dias, às vezes, com medo até de mim. Não consegue raciocinar. Não tenho esperança de que ele se cure. Só Deus, acredito, pode ajudá-lo.

por fabiana verrissimo de alencar

o usuário

“Eu, Fernando, tive uma decepção muito grande em minha vida, quando perdi a mulher que mais amei. Isso aconteceu porque ela me traiu e me deixou só, nesse desespero, vi ela (sic) um dia usando crack junto com uma amiga e então pedi um teço simplesmente para ficar perto dela, conversar com ela. Eu sabia que aquilo poderia me prejudicar, mas, para ficar na companhia dela, topei. Mas ela começou a me rejeitar e, então, desisti dela, mas fiquei viciado em crack e maconha. Com a rejeição dela, virei homossexual, porque não queria outra mulher em minha vida.”

Fernando M., 24 anos, desempregado

por camila teles santos

Becos e Vielas Z/S é uma publicação da Oficina Experimental de Jornalismo módulo Jd. Angela criada pela ONG Associação de Incentivo às Comunicações Papel Jornal. O projeto envolve jornalistas, artistas gráficos e fotógrafos e acontece no bairro do Jardim Ângela, extrema zona sul da capital paulista. Os textos e fotos aqui publicados foram todos produzidos por jovens da periferia que participam do projeto. APOIOS: Revista Simples?, Instituto Ayrton Senna, Embratel (Programa Cidadão 21), Maquina da Notícia e Telefônica, Folha de S. Paulo e Associação de Defesa Ambiental Ângela de Cara Limpa.

PARTICIPANTES: Érica Silva de Souza, Andréia Águida da Conceição, Camila Teles Santos, Fabiana Veríssimo de Alencar, Franciele Rodrigues, Juliana Silva Ferreira, Rogerio Oliveira, Cidinha Menezes, Marisa Dias, Ricardo Oliveira.

Para entrar em contato becoszs@ig.com.br.

entre quatro

paredes

“Eu ficava muito desesperada quando presenciava as cenas, que foram raras mas que me marcaram como uma tatuagem.”
juliana da silva ferreira

“Escrevi a carta um ano depois da morte do meu pai para desabafar.”

por juliana silva ferreira

Meu pai era viciado em cocaína e trabalhava como mecânico. O dinheiro que ele recebia era o mesmo que nada pois ele usava tudo para comprar droga. Como minha mãe tinha eu e mais duas filhas pequenas para criar, ela trabalhava e morava em uma casa de família com a minha irmã mais nova. Eu e minha irmã do meio morávamos com a família do meu pai, pois a minha vó materna queria que minha mãe nos colocasse num colégio interno. Ela dizia: “Elas são tão bonitas, alguém vai querer adotá-las”.

Só víamos minha mãe em alguns finais de semana. Empurrávamos a vida com a barriga pois éramos pobres e a família grande. Não tenho muitas lembranças da convivência com meu pai. Ele nunca agrediu a mim ou a minhas irmãs, mas, sempre que estava drogado, tentava agredir a minha mãe. Eu ficava muito desesperada quando presenciava as

cenas, que foram raras mas que me marcaram como uma tatuagem.

Certa vez, ele chegou de madrugada e virou a cama onde eu, minhas irmãs e minha mãe dormíamos.

Um dia eu estava com febre e ele disse que ia me levar ao médico, mas me levou para um lugar onde ele usava droga. Às vezes, minha vó achava colheres queimadas pelo quarto, o que significava que ele havia preparado a cocaína para aplicar ali mesmo.

Fui levando minha infância assim, longe da minha mãe e da minha irmã mais nova, observando a paranóia do meu pai, indo para a pré-escola, até que, quando eu tinha seis anos, descobriu-se que meu pai era soropositivo, pois injetava droga na veia.

O intervalo entre a descoberta e o fim da sua vida não foi longo. Ele morreu quando eu tinha oito anos.

Uma das coisas de que me lembro era quando ele já não conseguia se levantar, e eu tinha que levar comida para ele no quarto. Por estar já muito fraco e não ter força para engolir, ele só comia mamão. Ele me oferecia o que sobrava mas eu não podia aceitar porque minha vó tinha medo de que eu me contaminasse.

Atualmente, eu e minhas irmãs moramos com a nossa mãe.

Escrevi aquela carta um ano depois da morte do meu pai para desabafar. Resolvemos publicá-la para mostrar que, mesmo pertencendo a uma família tão desestruturada, não faço parte das estatísticas do sistema.

Agora que você leu minha história, tente tirar uma conclusão sobre as drogas.

A minha, eu já tirei. Para mim, elas são mais uma opção negativa que o sistema capitalista te dá. Aceitar vai da consciência de cada um.

trechos da carta da juliana feita aos 6 anos

São Paulo, 21 de abril de 1994

Eu quando tinha 4 anos eu via meu pai e minha mãe brigando e ficava magoada e querendo que tudo acabasse e eles nunca mais brigasse e isto não acabou eu pedia a deus quando ia dormi mas nada adiantou eu fui crescendo vendo tudo todas as brigas...

“... um dia ele chegou bebado e pegou uma faca e queria matar minha mãe que ela estava lá e ela e minhas irmãs (uma com 9 anos e outra com 7) e eu se truncamos no cuuaato e ele se pindurou no telhado e foi na janela querendo aronbala e minha mãe colocou quadro da nossa senhora e jesus nsa janela com a blíblia e comeseu a resar chorando pedindo a deus que meu pai parece com a quela loucura...”

“...meu vô trabalhava de guarda e pegou o casetéte e comeseu a bater nele mas ele não parou as costas do meu pai ficou toda marcada...”

“...eu fui crescendo vendo as brigas dos dois em tão eu estava com oito anos e meu pai estava doente e ficou enternado na caichuerinha (Hospital Cachoeirinha)...”

“...e ele ficou só trinta e um anos vivo depois ele moreu a ultima ves que ele falou comigo foi quando ele estava no quarto na minha cama e falou brigando (o correto é brincando) minha preta foi a ultima coisa que ele falou comigo e agora ele está la no céu com nosso deus que deus o tenha que ele esteja com deus e que ele esteja vendo eu escrevendo está carta pai eu te amo eu quero que ele esteja feliz foi melhor que ele morreu melhor do que fica sofrendo aqui na terra ...”

“Isto foi escrito com muita tristeza e amor que um dia eu le vejo no céu
Altora: Juliana Ferreira”



becos e vieiras

“entre cenas violentas, desespero, angústia e carinho, eu vivi grande parte da minha infância”

por Andrea águida da conceição

Meu nome é Andréia, tenho 16 anos, moro com a minha mãe e hoje tenho uma vida tranqüila e segura. Mas não foi sempre assim, não. Morei com meu pai e minha mãe só a partir dos meus quatro anos, pois quando nasci ele ainda estava preso. Tomei conhecimento de que ele agredia minha mãe quando eu tinha seis. As cenas da primeira agressão que eu presenciei nunca vou esquecer: era madrugada e não sei por qual motivo ela estava no meu quarto, comigo no colo, ameaçada por uma faca, apanhando e implorando para ele parar.

Meu pai se chamava Ronaldo, mais conhecido como tio Ró. Ele bebia, vendia e usava drogas e, por incrível que pareça, era superadorado por todos lá do Morro Dunga (Jardim Miriam, São Paulo). Fazia assalto a banco e dava dinheiro na favela, dizia que “tirar de quem tem para dar a quem não tem não é crime”. Ele era super carinhoso comigo e com minha mãe quando estava são. Não trabalhava, passava todos os dias da semana na porta do bar e, quando chegava à noite em casa, tomava banho, saía e só voltava de madrugada. Nunca trouxe suas encrencas para dentro de casa, resolvia tudo na rua, mas me deixava presenciá-lo separando as carreirinhas de pó em cima da mesa e me mandava pedir emprestados para a vizinha, que vendia geladinho, saquinhos para poder embalar a droga. Muitas vezes, pedia o meu quarto emprestado para os amigos dele usarem drogas lá dentro. Ele era a proteção da vizinhança, todo mundo confiava nele, menos minha mãe, entre quatro paredes.

Dentro de casa tinha uma espingarda calibre 12 atrás de um sofá, um revólver atrás do outro sofá e mais um dentro da gaveta da cômoda.

Às vezes, ele acordava assustado e sacava o revólver, pensando ter alguém à porta, mas era só minha mãe chamando-o para dormir na cama.

Apesar da proximidade, eu nunca tive curiosidade de mexer nas armas. Quando ele estava bem louco, queria me ensinar a atirar e dizia que, se alguém mexesse comigo, era só dizer que eu era filha do Ronaldo, o “tio Ró”, que eu estaria segura.

Não faço idéia de quantas noites minha mãe e eu fugimos de sua fúria violenta, causada por bebidas e drogas, num desviar de atenção dele.

Assim, entre cenas violentas, desespero, angústia e carinho, eu vivi grande parte da minha infância. Numa tarde de sábado de 1996, isso tudo teve fim. No bar, ele assoprou o pó na cara de um bandido que queria comprar fiado. O sujeito, que já tinha mais de 26 assassinatos nas costas, acabou dando 2 tiros no meu pai.

Depois da morte dele, as coisas ficaram bem mais difíceis. Minha mãe foi morar na casa de amigas, e eu com a minha avó. Permaneci por lá quatro anos, até que a convivência ficou impossível. Fui morar na casa do meu tio, onde morava minha mãe naquele momento. Ela arranjou um emprego e, dali quatro meses, alugamos a casa em que moramos hoje.

Procuo preencher a falta que sinto do meu pai lembrando dos nossos momentos bons, e tenho muito orgulho de não ter me envolvido com drogas, armas e violência, pois, na fase mais importante da minha educação, essas foram as coisas com que eu mais convivi.

becos e vieiras

você sabia que...

... os rastafaris seguidores do rás (chefe etíope) acreditam que a fumaça da maconha é capaz de estabelecer elos tão fortes com deuses que consideram a erva como divina?

... na Holanda a maconha é legalizada?

... o uso de maconha pode provocar câncer?

... é mais fácil parar de fumar maconha do que deixar de beber?

... o cânhamo tem sido utilizado na forma de cigarro ou comprimidos para estimular o apetite de pacientes com Aids e tem ajudado no tratamento químico a que os portadores de câncer são submetidos, aliviando náuseas e mal-estar?

... bastam cinco tragadas num cachimbo de crack para se viciar?

... na década de 40, a cocaína e a maconha eram legais no Brasil?

responda você mesmo

- Por que a maconha e a cocaína, que são drogas tão prejudiciais quanto o álcool e o cigarro, não são legalizados?
- Por que o álcool e o cigarro, que são drogas tão prejudiciais quanto a maconha e a cocaína, são legalizados?
- Se a maconha fosse legalizada no Brasil, receberia ela o mesmo tratamento do álcool e do cigarro? E a criminalidade, diminuiria?
- No primeiro contato, os jovens vão até as drogas ou elas vêm até eles?
- Os jovens caem nas drogas por falta de informação ou busca de prazer?
- A falta de convivência ou o receio de diálogo com os pais agrava esse problema?